

Há fila no SUS?

Lenir Santos

Palavras-chave: fila; ordenação de serviços; espera.

Há fila no SUS? Essa é uma pergunta que responderíamos positivamente. Sim, há fila no SUS. Ou até diríamos que as filas são intermináveis e se constituem num grave problema.

O que se entende por fila? Os dicionários a definem como série, pessoas ou coisas colocadas umas em seguidas às outras. Sempre que há uma multidão de pessoas, um grupo desorganizado se solicita que o mesmo se ordene em fila. Podemos assim dizer que fila significa uma ordenação de coisas ou pessoas.

No SUS realmente há fila se entendida dessa forma?

Eu responderia que na maioria das vezes não há fila. Porque não há uma *ordem* na espera por atendimento de saúde. A espera pelo acesso a determinados serviços é desordenada, sem que se possa saber o lugar que uma pessoa ocupa em sua espera.

Pode-se afirmar que no SUS estamos *aquém* das filas, um passo atrás; elas nem sempre existem por ainda haver mais *desordem do que ordem* na espera de atendimento. Numa fila sabemos o nosso lugar e quanto tempo demorará o atendimento. A fila, por pior que seja, pressupõe uma ordenação e é essencial para o planejamento no sentido de se buscar meios para a sua superação quando prejudicial.

No SUS não temos essa ordenação em determinados serviços. É comum o cidadão retornar do serviço de saúde sem ter o seu itinerário terapêutico completado e sem saber qual é o tempo de espera, atravessado, ainda, por apadrinhamentos, compadrios, liminares judiciais e outras maneiras de se ter acesso aos serviços de saúde sem se respeitar a ordem cronológica definida no decreto 7508, de 2011.

O referido decreto determina que o acesso ao SUS deve ser ordenado por ordem cronológica, ou seja, a famosa ordem de chegada, e pelo risco do agravo à saúde. Na realidade é a mesma lógica da lista única dos transplantes prevista na lei: ordem de chegada e risco de vida.

O estágio da organização dos serviços na saúde é anterior à fila. Na maioria dos serviços de saúde de acesso universal há filas, muitas vezes demoradas, com longa espera; mas há também medidas para a sua superação, como metas para a diminuição de seus prazos. Sabemos que certas patologias devem ser atendidas dentro de um limite de

prazo, sob pena de agravo irreparável. Por isso determinados países de acesso universal em saúde buscam a diminuição desses prazos como meta de gestão.

Tem sido comum, os usuários do SUS retornarem do serviço sem saber quando serão atendidos, quando o exame será realizado, quando o especialista irá atender, quando a cirurgia ocorrerá.

Essa desorganização dos serviços de saúde – não são todos, há exceções – consome os seus usuários, sendo um ponto de grande desgaste para quem já está fragilizado em sua doença.

O SUS é um complexo sistema de saúde do ponto de vista organizativo; bastante dispendioso por ser gratuito e de acesso ser universal. Somos 200 milhões de habitantes. Mas isso não pode ser desculpa para depois de 26 anos não termos conseguido organizar as filas no SUS. Não digo acabar com elas, mas organizá-las no sentido de ordenação da demanda, encaminhamentos em prazos razoáveis em relação ao agravo, metas para a sua superação ou melhoria.

Sendo o SUS um sistema regionalizado, nossas regiões de saúde que deveriam ter sido um dos primeiros passos organizativos do SUS, ainda não logrou o efeito necessário; as regiões existentes, por volta de 450, não dão conta de resolver 95% das demandas de sua população, e sem ser resolutiva não podemos falar em regiões de saúde em seu real sentido.

A região de saúde é essencial para a organização de um sistema único e descentralizado num país federativo como o nosso. Sabemos que inúmeros são os problemas para essa organização, dentre elas a da fixação do profissional de saúde na região. Mas se sabemos que esses são pontos de dificuldades do sistema, há que se ter estratégia para o seu enfrentamento, sem tergiversação, sob pena de se continuar nessa falta de ordenação dos atendimentos, com desperdício de tempo, recursos e desgaste para o usuário do SUS e sua saúde, além de dar argumentos àqueles que nele não acreditam.